

A ESPONSALIDADE DE CRISTO COM A IGREJA

2ª PARTE: O NOVO TESTAMENTO

*Edson Pereira**
*Manoel Augusto Santos***

Resumo

No Novo Testamento são usadas imagens que nos dão a conhecer a natureza íntima da Igreja. Uma das mais importantes é a da Igreja como Esposa, e não somente como uma mera imagem, senão como uma realidade essencial que indica algo que é central de seu próprio ser e mistério, merecendo ocupar um lugar de maior destaque na teologia e na vida da Igreja. Nesta segunda parte, é apresentada a Revelação contida no Novo Testamento, ou seja, na Nova Aliança, que tem como centro Jesus Cristo como o Esposo da Igreja que emerge e se propaga.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Esposa. Esponsalidade.

Abstract

In the New Testament there are used images which make us acknowledge the intimate nature of the Church. One of the most important is that of the Church as Wife and not only a mere image, but as a essential reality indicating something central of its essence and mystery. Therefore it merits a place of greater distinction in theology and in Church's life. In this second part there is presented a Revelation in the New Testament, namely the New Covenant having as center Christ as the Husband of the Church which emerges and diffuses itself.

KEYWORDS: Church. Wife. Sponsorship.

* Mestre em Teologia (FATEO) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

** Doutor em Teologia, Prof. da Faculdade de Teologia da PUCRS.

No artigo publicado como primeira parte do tema da esponsalidade de Cristo com a Igreja¹, acerca do Antigo Testamento, percebeu-se quão rica era para Israel a imagem da relação esponsal para exprimir o amor de Deus ao seu povo.

Diante da imagem preparada pelos profetas, o Novo Testamento apresenta Jesus Cristo como Esposo para o povo de Deus. O próprio Jesus dá a compreender que o anúncio dos profetas sobre Deus-Esposo, sobre o Redentor, sobre o Santo de Israel, encontra n'Ele próprio o seu cumprimento. Ele revela a sua consciência do fato de ser o Esposo entre os discípulos, aos quais, porém, no fim será tirado². “Nos oráculos dos profetas, de fato, o nome de esposo dava-se àquele que viria restaurar Israel; por isso, atribuindo-se esse título, Jesus deixa entender que Ele realiza o que fora dito a respeito da ação divina. O Esposo é Ele”³.

Jesus, portanto, desempenha o papel de Esposo e inaugura o tempo da salvação messiânica, mas no horizonte se esboça o destino doloroso do Messias, que será lacerado de modo violento como o servo de Lahweh⁴.

No Antigo Testamento, o sofrimento do povo provinha do afastamento voluntário do esposo; ao contrário, a dor dos discípulos derivará do arrebatamento do Esposo e terá um significado bem diferente, já que esse arrebatamento não constitui uma suspensão das núpcias e, sim, a sua consumação⁵.

Ao comentar a missão de Jesus, pode-se lembrar da comparação patrística do nascimento da Igreja com o de Eva. Como Eva nasceu do lado de Adão, assim a Igreja nasce do costado de Cristo, aberto pela lança do centurião:

Cristo compara a sua missão com as núpcias (cf. *Mt* 25, 1-13; 22, 2-14); a pregação de Cristo é apresentada por João Batista (cf. *Jo* 3, 29) e por Cristo (cf. *Mt* 9, 15) como festa de casamento; por sua morte Cristo se entrega por sua esposa e a santifica (cf. *Ef* 5, 25-28), adquire-a com seu sangue (cf. *At* 20, 28); A Igreja nasceu do

¹ M. Santos; E. Pereira. A Esponsalidade de Cristo com a Igreja; 1ª Parte: O Antigo Testamento. *Teocomunicação* 37 (2007) 447-469.

² Cf. JOÃO PAULO II, “A Igreja delineada como Esposa pelos Evangelhos”, in: *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, n. 50, 15 dez. 1991, p. 20.

³ M. MAGNOLFI *et alii*. “A revelação do mistério da Igreja Esposa”, in: *A Igreja no seu Ministério/I*. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1984, p. 137.

⁴ Cf. R. FABRIS. *Matteo*. Roma: Borla, 1982, p. 220.

⁵ Cf. J. GALOT. *Chi sei tu o Cristo?* Florença: Grafite, 1979, p. 110.

lado aberto como Eva (esposa e mãe) de Adão. A figura da esposa exprime: aliança indissolúvel, comunidade de vida, imaculidade (*sic!*); dever de procurar sempre estar sem rugas e sem manchas; cuidado do Esposo pela esposa; amor mútuo, fidelidade; fecundidade⁶.

Bernardo Bartmann apresenta a Igreja como Esposa de Cristo como derivada da metáfora “Igreja, Corpo de Cristo”. Assim se expressa:

A comparação da Igreja como uma esposa tem sobre a metáfora Igreja, corpo de Cristo, a vantagem de afastar o mais leve resquício de panteísmo, porquanto esposo e esposa, por definição mesmo, constituem duas pessoas realmente distintas. Quando afirmamos que Cristo e a Igreja formam uma só pessoa, entendemos sempre uma “pessoa mística” e não uma única pessoa física⁷.

E acrescenta a ação de Cristo, que procurou, chamou, limpou, santificou e infundiu a sua graça para que os seus seguidores pudessem retribuir esse amor pela sua esposa.

Cristo, por livre eleição, foi procurá-los e chamá-los por seus apóstolos e a inspiração de sua graça; limpou-os com seu sangue, santificou-os pelos seus sacramentos, infundiu-lhes suas virtudes e plasmou assim aquela que seria sua Esposa, capaz de retribuir-lhe amor por amor⁸.

No Novo Testamento são usadas imagens⁹ que nos dão a conhecer a natureza íntima da Igreja. Assim, temos imagens tomadas da vida pastoril, da agricultura, das edificações, como também da família e do casamento, destacando especialmente algumas dessas figuras: redil, lavoura ou campo, porta, vinha, casa e família de Deus, templo, esposa, mãe, Jerusalém do alto¹⁰. Uma das mais importantes é a da Igreja como

⁶ B. KLOPPENBURG. *A eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 41.

⁷ B. BARTMANN. *Teologia Dogmática: A Redenção, a graça e a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1962, vol. II, p. 434.

⁸ *Idem*.

⁹ Uma imagem é uma analogia onde há uma semelhança entre uma realidade referida. Uma imagem pode converter-se em símbolo, quando passa de uma mera comparação lógica e toca um âmbito de sentimentos e afetividade. Reino, povo, corpo, templo e outros são claramente símbolos. Um símbolo pode funcionar também como um modelo, especialmente quando serve para explicar ou explorar dados. Cf. C. O'DONNELL; S. PIÉ-NINOT. *Diccionario de eclesiología*. Madrid: San Pablo, 2001, p. 545.

¹⁰ Cf. LG 6.

Esposa¹¹, e não somente como uma mera imagem, senão como uma realidade essencial que indica algo central de seu próprio ser e mistério, merecendo ocupar um lugar de maior destaque na teologia e na vida da Igreja.

O tema da Igreja-Esposa merece ser colocado em evidência, devido a três razões fundamentais: a) porque brota da Sagrada Escritura e foi desenvolvido ao longo da tradição cristã; b) porque obriga a considerar a Igreja como uma realidade própria que não surge de uma soma de membros, mas cuja personalidade é um verdadeiro mistério que nos leva ao íntimo de seu ser; c) porque põe em consideração o fim último e central do mistério criador e redentor, ou seja, a união de Deus com os homens.

Nesta segunda parte, é apresentada a Revelação contida no Novo Testamento, ou seja, na Nova Aliança, que tem por centro Jesus Cristo como o Esposo da Igreja que emerge e se propaga. Para tanto, buscam-se nos Evangelhos Sinóticos, nos escritos joaninos e no Apocalipse e também nos escritos paulinos – especialmente em *Ef* 5, 22-32 – referências a esse amor sponsalício de Cristo pela sua Igreja.

Assim, no Novo Testamento, distintos testemunhos nos dão a compreensão da Nova Aliança com característica nupcial, na qual Cristo é o Esposo e, aos poucos, aparece a Igreja como a Esposa¹². Importa apresentar esse percurso do Novo Testamento, com o estudo dos principais textos para uma fundamentação da união sponsal entre Deus e a Igreja.

1 Nos Sinóticos

Jesus responde aos discípulos de João, quando de seu questionamento sobre o jejum de seus discípulos: “Por acaso podem os amigos do noivo estar de luto enquanto o noivo está com eles? Dias virão, quando o noivo lhes será tirado; então, sim, jejuarão” (*Mt* 9, 15). O termo noivo ou esposo não é apenas uma comparação, senão uma autodesignação de Jesus¹³.

¹¹ Como a esposa imaculada, a qual Cristo amou e por ela se entregou, para santificá-la. Uniu-a a si por um indissolúvel vínculo, e sem cessar alimenta-a, tendo-a submissa no amor e fidelidade, cumulando-a, por fim, eternamente, de bens celestes. *Ibidem*.

¹² Cf. A. MONTERO. La Iglesia Esposa, in: *Ecclesia Tertii Millennii Advenientis*. Roma: Edizione Piemme, 1997, p. 477.

¹³ Cf. M. MAGNOLFI *et alii*, *op. cit.*, p. 136.

Referindo-se ao versículo acima exposto, a Bíblia de Navarra afirma:

O texto original diz literalmente filhos da casa onde se celebram as bodas, que é uma expressão típica para designar os amigos mais íntimos do esposo. Deve sublinhar-se a marcada construção semítica da frase que o Evangelista conservou na sua fidelidade à expressão original de Jesus. Por outro lado, esta casa a que alude Jesus Cristo tem um profundo sentido: há que pô-la em relação com a parábola dos convidados para as bodas (*Mt* 22, 1-14), e simboliza a Igreja como casa de Deus e Corpo de Cristo: Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para dar testemunho de tudo o que se havia de anunciar. Cristo, porém, é fiel, como Filho, à frente da Sua própria casa, a qual somos nós, se conservamos firmemente até ao fim a confiança e a esperança de que nos gloriamos (*Hb* 3, 5-6)¹⁴.

Também em *Mc* 2, 19-20, o próprio Jesus designa-se como o Esposo (cf. *Lc* 12, 35-36; *Mt* 25, 1-13; *Jo* 3, 29), cumprindo assim o que os profetas tinham dito atinentemente às relações de Deus com o seu povo (cf. *Os* 2, 18-22; *Is* 54, 5ss.). Os Apóstolos são os companheiros do Esposo nas núpcias e convidados a participar com Ele do banquete nupcial, na alegria do Reino dos Céus (cf. *Mt* 22, 1-14). Já no v. 20 Jesus Cristo anuncia que o Esposo será arrebatado do meio deles. É a primeira alusão que Ele faz de sua Paixão e Morte (cf. *Mc* 8, 31; *Jo* 2, 19; 3, 14)¹⁵.

Noutras passagens, Jesus compara o Reino dos céus a um banquete organizado por um rei para o casamento do filho (cf. *Mt* 22, 2), ou então das virgens saindo ao encontro do esposo que chega (cf. *Mt* 25, 1-13), ou a servos que esperam seu senhor voltar das núpcias (cf. *Lc* 12, 36). Em todos esses textos, é interessante perceber a ausência da esposa¹⁶.

¹⁴ BÍBLIA SAGRADA. Português, Santos Evangelhos, Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra. Braga: Edições Theologica, 1994, p. 218.

¹⁵ *Ibidem*, p. 487-488.

¹⁶ “Pode-se argumentar que as palavras “*kai tes numfes*” (e a noiva) confirmadas por forte combinação de testemunhos ocidentais e cesareanos, foram omitidas por se ter sentido serem incompatíveis com o ponto de vista largamente difundido de que Cristo, o Noivo, viria buscar sua noiva, a Igreja. Mas é duvidoso que os copistas tenham sido tão sensíveis à lógica da alegoria. Outrossim, aqueles que omitiram a palavra visualizam o casamento a tomar lugar no lar da noiva; mas aqueles que a adicionaram pensavam que o noivo estaria levando a noiva a sua casa (ou a casa

Diversamente do Antigo Testamento, que se fixava no comportamento da esposa, o olhar dado no Novo Testamento concentra-se em Jesus¹⁷.

Todo o conjunto da parábola de *Mt 22,2* deixa compreender que Jesus fala de Si. Com a analogia do banquete nupcial põe em relevo a verdade acerca do Reino de Deus, que Ele mesmo traz ao mundo, e o convite de Deus para o banquete do Esposo, ou seja, a aceitação da mensagem de Cristo na comunhão do novo povo, que a parábola apresenta como convidado às núpcias. Apresenta também, para todos os convidados do seu tempo e de todos os tempos, a necessidade de uma atitude digna da vocação recebida, simbolizada pela veste nupcial que devem vestir aqueles que entendem participar no banquete, a tal ponto que quem não a veste é afastado do rei, ou seja, de Deus Pai que chama para a festa de seu Filho na Igreja¹⁸.

Na parábola das dez virgens (cf. *Mt 25, 1-13*) encontra-se a analogia esponsal usada por Jesus para fazer compreender o seu pensamento acerca do Reino de Deus e da Igreja, ou seja, naquilo em que ele se concretiza. Chama-se à prontidão, à vigilância, ao empenho fervoroso na expectativa do Esposo. Só cinco das dez virgens preocuparam-se para que suas lâmpadas se acendessem à chegada do esposo¹⁹.

O relato não se detém em descrever o cerimonial das núpcias. Nem menciona a noiva. A atenção centra-se no comportamento das dez virgens que esperam pelo noivo. Do início ao fim do escrito, conta-nos o comportamento e as atitudes das dez virgens. É em função do noivo que se define toda a dinâmica da parábola. Assim:

O ensinamento principal da parábola é a exortação à vigilância: na prática é ter a luz da fé, que se mantém viva com o azeite da caridade. Entre os Hebreus as bodas celebravam-se em casa do pai

dos pais dele), onde o casamento teria lugar. Já que esse último costume era mais comum no mundo antigo, é provável que essas palavras sejam uma interpolação feita por copistas os quais não notaram que a menção da noiva perturbaria a interpretação alegórica da parábola. Somente o noivo é mencionado na parábola.” R. CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Millennium 1980, vol. I, p. 571.

¹⁷ Cf. M. MAGNOLFI *et alii*, *op. cit.*, p. 138.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *op. cit.*, p. 20.

¹⁹ Cf. *ibid.*, p. 16.

da desposada. As virgens são as jovens não-casadas, damas de honra da noiva, que esperam em casa desta a vinda do esposo. A atenção da parábola centra-se na atitude que se deve adotar até à chegada do esposo. Com efeito, não é suficiente saber-se dentro do Reino, a Igreja, mas é preciso estar vigilante e prevenir com boas obras a vinda de Cristo²⁰.

2 Em João e Apocalipse

O Evangelho de João é permeado da simbologia esponsal. As palavras de João Batista são talvez o reconhecimento mais explícito disso: “Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa!” (Jo 3, 29). O Batista cede lugar a Jesus, o Esposo legítimo²¹. A alegria de João consiste em trazer a noiva à presença do noivo. A esposa é a figura do povo, segundo imagens usadas pelos profetas, como vimos anteriormente. Jesus, consagrado como o Messias, leva para si a esposa e, por isso, é necessário reconhecê-lo como Esposo. “O ponto central dessa narrativa é que o amigo do noivo²² não serve de rival, e que, apesar de estar numa posição exaltada, não pode ser comparado, em dignidade, com o próprio noivo”²³.

João Batista fala de um modo simbólico, como às vezes falaram os profetas, e também o fará Jesus Cristo. A Bíblia de Navarra, em nota, comenta:

²⁰ BÍBLIA SAGRADA. Português, Santos Evangelhos..., p. 391.

²¹ M. MAGNOLFI *et alii*, *op cit.*, p. 139-140.

²² A tradição judaica confiava um certo papel organizador aos amigos do esposo por ocasião das núpcias. “Na Judéia, mas não na Galiléia, era costumeiro haver dois desses amigos ou paraninfos, um em favor do noivo e outro em favor da noiva. Eram eles os responsáveis pelos arranjos das cerimônias dos esponsais, com todas as suas diversas tarefas, e, finalmente conduziam o casal à câmara nupcial. Por ocasião da festa de casamento, ofereciam presentes e cuidavam do noivo e da noiva. Após o matrimônio, era dever do amigo do noivo manter os termos apropriados entre o casal, defendendo a fama da noiva. Nos escritos rabínicos, Moisés é referido como amigo do noivo, que conduziu a noiva (Israel) ao encontro de Jeová, no Sinai (cf. Ex 19, 17). Esses escritos também descrevem Miguel e Gabriel como quem exerceu tais funções no caso de Adão e Eva. Nesses escritos rabínicos, pois, tal ofício sempre é apresentado como envolto em grande alegria e senso de realização e honra. Cf. R. CHAMPLIN. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Millennium, 1980, vol. II, p. 317.

²³ *Idem*.

O Esposo é Jesus Cristo. Por outros passos do Novo Testamento sabemos que a Igreja é designada com o título de Esposa (cf. *Ef* 5, 24-32; *Ap* 19, 7-9). Este símbolo dos desposórios exprime a união pela qual Cristo incorpora a si a Igreja, e a comunhão de vida pela qual a Igreja é santificada e participa da própria vida divina²⁴.

Toda missão de João Batista parece ser consciente de que o seu serviço no meio do povo é dirigido para o Esposo que há de vir. Ele apresenta-se como amigo do Esposo. Ao se apequenar “é necessário que ele cresça e eu diminua” (*Jo* 3, 30), ele reconhece que se deve a Jesus o direito de ser reconhecido e acolhido como Esposo. “O Batista alegra-se porque vê que já está a começar a atuação do Messias, e reconhece a infinita distância que há entre a sua condição e a de Cristo. Por isso a sua alegria é completa quando Jesus Cristo vai convocando os homens e estes vão atrás dele”²⁵.

Nessa perspectiva é válido também recordar o banquete de núpcias em Caná da Galiléia, para o qual Jesus foi convidado, juntamente com os discípulos (cf. *Jo* 2, 1-11)²⁶. Em seu primeiro milagre, que comprova sua messianidade, Jesus nos dá a compreender, mesmo indiretamente, que o Esposo anunciado pelos profetas estava presente no meio do seu povo, Israel. O Esposo já está à obra. Ao manifestar o primeiro sinal (transformar a água em vinho), a pedido de sua mãe, é-nos grato recordar que, em Maria, se dá o início da figura da Igreja-Esposa da Nova Aliança. Ao lado de Cristo, começa a delinear-se a figura da Esposa da Nova Aliança, a Igreja, presente em Maria e nos discípulos presentes no banquete nupcial²⁷.

No Apocalipse, as imagens de esposo e esposa estão separadas para produzir uma cena de núpcias, que será narrada no

²⁴ BÍBLIA SAGRADA. Português, Santos Evangelhos..., p. 1165.

²⁵ *Idem*.

²⁶ Nesse trecho narra-se o episódio das Bodas de Cana. É interessante observar que o acontecimento se dá em uma festa de casamento e devemos levar em consideração a imagem veterotestamentária de Israel como esposa de Yahweh. Nesse contexto Ele realiza seu primeiro milagre. Cf. R. BROWN *et alii*. *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, Tomo III, p. 433.

²⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *A Igreja: 51 catequeses do Papa sobre a Igreja*. São Paulo: Cléofas, 2001, p. 77-78.

capítulo 21²⁸. “Alegremo-nos e exaltemos, demos glória a Deus, porque estão para realizar-se as núpcias do cordeiro, e sua esposa já está pronta...” (*Ap* 19, 7). A maioria dos exegetas concorda ser esta uma imagem que ressalta a união do Esposo (Cristo) com a esposa que Ele escolheu (a Igreja). As núpcias do Cordeiro simbolizam o estabelecimento do Reino celeste. É Cristo o Esposo da Igreja (cf. *Ef* 5, 23-32). As núpcias, realização perfeita da Aliança, são esperadas para o fim dos tempos (cf. *Mt* 22, 2; 25, 1-13).

Pierre Prigent considera que a mulher de *Ap* 12 está diretamente relacionada com a comunidade da qual nasce o Messias, ou seja, a Igreja. Trata-se ou do povo de Deus do Antigo Testamento (Israel), do qual nasce o Messias; ou da Igreja de Cristo, enquanto continuadora dessa tradição de Israel. Prigent pensa que se refira à Igreja. Assim como o Messias nasce no seio do povo de Israel e a partir de sua esperança, assim nasce também

²⁸ Em *Ap* 21 encontram-se mais duas referências de João à Igreja, agora não mais vista com suas falhas humanas, apresentadas nas sete cartas do início do livro, nem como a mãe do Messias que foge para o deserto. Aqui, a Igreja é apresentada com todo o esplendor que recebe do Cordeiro, na qual culmina e para a qual se direciona toda a obra. Pierre Prigent considera que os dois capítulos finais do Apocalipse de São João não formam uma unidade literária. Outrossim, destaca que o mesmo se divide em três partes, cada uma com sua identidade própria. A primeira parte seria a de *Ap* 21, 1-8. Nesta, o tema fundamental é o novo mundo, nova terra e novo céu, desaparecimento das coisas antigas, pois Deus renova todas as coisas. No meio da passagem surge um novo tema: a morada que Deus vai estabelecer entre os homens. Assim, nesta parte, o autor apresenta o mundo novo, o qual ele identifica com a Jerusalém celeste, que está revestida como uma esposa para agradar ao seu esposo. A segunda parte é *Ap* 21, 9-27. Este trecho extenso é marcado pela descrição da Jerusalém celeste, a esposa do Cordeiro. Manifesta a presença escatológica de Deus em sua cidade santa. A cidade brilha pela presença direta de Deus na mesma. Esta parte pode ser mais facilmente entendida, quando se recordam as profecias de *Is* 54 e 60, *Ez* 48 e *Zc* 14,7. Em *Is* 54 encontra-se a profecia de uma nova Jerusalém no futuro, na qual as ameias, as portas e muralhas serão de pedras preciosas. *Ez* 48, 30-35 apresenta as medidas na cidade com três portas de cada lado. *Is* 60 prenuncia que a luz de Jerusalém não será mais o sol, mas sim do próprio Deus. A terceira e última parte tem relação direta com *Ez* 47, onde se encontra a profecia relativa ao templo futuro, do qual brota um rio. Às margens desse rio crescem muitas árvores, com boas colheitas e plantas medicinais. Indiretamente recorda-se *Gn* 2, onde se descreve o paraíso como um jardim irrigado, onde a vegetação é exuberante. Cf. P. PRIGENT. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 332.

diretamente de Maria²⁹. A Igreja é hoje essa mulher que foi gerada por Cristo, mas que também o gera diariamente, máxime na Eucaristia.

Tratar-se-ia então do povo de Deus da antiga aliança, da comunidade de Israel, que pode efetivamente ser vista como mãe do Messias e da Igreja cristã? Ou, mais provavelmente, de Israel fiel, do povo escolhido do qual a Igreja judeu-cristã prolonga a existência? Acontece que esta identificação se choca, uma vez mais, com a constatação de que o *Ap* nunca parece distinguir entre o povo de Deus da antiga e da nova aliança, senão para mostrar que este último cumpre as profecias discernidas na história do primeiro. Por outro lado, o leitor se recorda que nós não acreditamos poder, até aqui, distinguir no *Ap* o vestígio de uma problemática de judeu/pagão-cristianismo. O presente texto não parece dever derrubar estas conclusões. É preciso, pois, identificar a mulher com a Igreja, ainda que se deva recordar imediatamente que, para nosso autor, a Igreja afunda suas raízes na história de Israel³⁰.

“... Vem! Vou mostrar-te a Esposa, a mulher do Cordeiro” (*Ap* 21, 9b). Esse versículo permite sublinhar a correspondência antitética entre a grande prostituta (Babilônia) e a esposa do Cordeiro (Jerusalém)³¹. Retoma-se o tema abordado em 19, 7 e 21, 2. Prigent comenta:

Trata-se, pois, de um traço que procura marcar a unidade das exposições sucessivas e em particular desta aqui com a precedente: o mundo novo é na realidade identificável com a Jerusalém celeste, já que uma e mesma imagem da esposa é capaz de representar os dois de maneira satisfatória³².

É com uma imagem nupcial que se encerra a Bíblia, com o Apocalipse, na visão da nova Jerusalém, descendo do céu “... pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido” (21, 2). “É a última referência à realidade nupcial, recapitulando as figuras dos textos

²⁹ Assim, a participação decisiva de Maria na encarnação do Verbo se torna modelo para as núpcias de Cristo com a Igreja. É em seu seio que o Verbo se encarna, ou seja, ocorre pela primeira vez a união histórico-temporal entre o humano e o divino. Há uma íntima unidade entre a união humano-divina no seio de Maria e as novas núpcias do Cordeiro com a Igreja. Os dois encontros conjugais se relacionam como sendo um, o momento primeiro, e o outro, a sua realização plena. Cf. M. DEL PILAR RÍO. *Teología nupcial del Misterio redentor de Cristo*. Roma: Apollinari Studi, 2000, p. 171-174.

³⁰ P. PRIGENT, *op. cit.*, p. 218.

³¹ Cf. *ibid.*, p. 397.

³² *Idem*.

proféticos e sapienciais, no ponto em que se encerra a revelação bíblica”³³.

3 Nos Escritos Paulinos

Aqui se encontra o principal texto neotestamentário sobre a relação espousal Cristo e Igreja:

As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos. E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e purificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irreprensível. Assim também os maridos devem amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu Corpo. Por isso deixará o homem o seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande esse mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja (*Ef 5, 22-32*)³⁴.

O escrito comporta um longo desenvolvimento, determinante para a eclesiologia, que põe em paralelo a relação Cristo-Igreja e a relação

³³ J. LACOSTE. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 356.

³⁴ Aparece aqui o aspecto eclesiológico. Trata-se do matrimônio ideal, no quadro de uma orientação para a vida familiar. A relação entre Cristo e a Igreja serve de modelo para a relação entre homem e mulher... o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Esse texto não pode ter-se inspirado na doutrina egípcia, gnóstica sobre a *syzyge*; pelo contrário, essa doutrina de origem posterior, julgou descobrir em Efésios uma estrutura homem-mulher: Cristo e a Igreja. A comparação de *Ef 5, 23* baseia-se na idéia veterotestamentária da Aliança. No Antigo Testamento, a Aliança de Deus com seu povo, Israel, é comparada com o matrimônio, supondo naturalmente a ordem social do antigo Oriente, que era patriarcal. Como o homem e a mulher no antigo Oriente, assim Deus e o seu povo não são parceiros com direitos iguais. À fidelidade obediente da mulher corresponde o cuidado amoroso do marido. Era óbvia a aplicação do modelo do matrimônio humano. Dizendo que o homem é a cabeça da mulher, o autor retoma a declaração de Paulo em *1Cor 11, 3*, e lhe dá uma interpretação mais suave, mais aceitável, por sua analogia com Cristo e a Igreja. Cf. J. BAUER *et alii*. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 50.

conjugal homem-mulher. Dá um último prolongamento à tradição profética e sela a grandeza da relação conjugal. O casal deve ser o reflexo das relações entre Cristo e a Igreja³⁵.

O autor dessa perícopa parece estar mais interessado em apresentar a relação de Cristo e a Igreja do que definir o estilo das relações entre os esposos cristãos. Parece mais um discurso teológico sobre a relação Cristo-Igreja do que um manual de ética para esposos cristãos. A partir de uma comparação da relação amorosa de Cristo com sua Igreja é que os esposos poderão encontrar o modelo ideal para relacionar-se entre si³⁶.

O apóstolo também apresenta a novidade do cristianismo, quando ele substitui a habitual expressão e a prática de submissão, às vezes absoluta, da esposa e de todas as pessoas da casa, pela palavra amor, respeito e confiança³⁷.

Também aparece aqui a novidade da mensagem cristã no fato de se codificar a obrigação de o marido amar a sua esposa. E o modelo para essa obrigação é, naturalmente, o amor de Cristo por sua Igreja³⁸.

³⁵ Cf. J. LACOSTE, *op. cit.*, p. 356.

³⁶ R. FABRIS. *As cartas de Paulo III: Tradução e comentários*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 193.

³⁷ “A maioria dos escritores antigos esperava que as esposas obedecessem aos seus maridos, desejando que elas tivessem um comportamento calmo e submisso. Alguns contratos de casamento até determinavam uma exigência de obediência absoluta. Essa exigência fazia sentido especialmente para os pensadores gregos, que não consideravam as esposas como iguais. As diferenças de idade contribuíam para essa disparidade: normalmente os maridos eram mais velhos que suas esposas, em geral mais de uma década na cultura grega (com os homens freqüentemente casando-se por volta dos trinta anos e as mulheres, na adolescência, quase sempre no início desta). Nessa passagem, contudo, o mais perto que Paulo chega de definir submissão é respeito (v.33), e no texto grego, a submissão da esposa ao marido (v.22) é apenas um exemplo de submissão mútua geral dos cristãos (o verbo do v.22 é usado diretamente do v.21 e dessa forma não pode significar algo diferente).” C. KEENER, *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2004, p. 572.

³⁸ “Embora fosse assumido que os maridos deveriam amar suas esposas, os códigos de família nunca listaram o amor como sendo tarefa do marido. Tais códigos diziam aos maridos apenas para fazerem suas esposas se submeterem. Embora Paulo defenda o ideal antigo de submissão da esposa por sua cultura, ele o qualifica colocando-o no contexto de submissão mútua: os maridos devem amar suas esposas como Cristo amou a Igreja, dando sua vida por ela. Ao mesmo tempo em que ele relaciona o cristianismo com os padrões da sua cultura, ele subverte os valores dessa cultura, indo bem mais além deles. Os maridos e as esposas devem ambos submeter-se e amar-se.” C. KEENER, *op. cit.*, p. 572.

Com particular eficácia e densidade, Paulo faz uso da imagem esposo-esposa para tipificar a relação Cristo-Igreja, entrelaçando numa trama original aquilo que representa uma instrução sobre as relações conjugais entre marido e mulher³⁹ e a reflexão sobre o mistério de Cristo e da Igreja⁴⁰. O comportamento do marido em relação à mulher, e vice-versa, vem sempre ligado à relação de amor de Cristo pela Igreja. Implicitamente, Cristo vem descrito como o Esposo da Igreja. Ele é o “Salvador do Corpo” (cf. v. 23c), que é a Igreja.

Percebe-se que nos vv. 23 a 32 se estabelece um paralelo entre o casamento e a relação de Cristo com a Igreja. Ambos vão esclarecendo-se mutuamente. A Bíblia de Jerusalém, em nota de rodapé, comenta:

Pode-se dizer que Cristo é esposo da Igreja, porque é seu chefe e a ama como a seu próprio corpo, assim como acontece entre marido e mulher; essa comparação, uma vez admitida, fornece, por seu lado, um modelo ideal para o casamento humano. O simbolismo dessa imagem tem as suas raízes profundas no AT, que representa muitas vezes Israel como esposa de Iahweh (*Os* 1, 2+)⁴¹.

A exortação referente às relações entre Cristo e a Igreja é tão veemente, na passagem *Ef* 5, 22-32, que poderia servir mais como um ensinamento a respeito da eclesiologia do que como uma exortação acerca das relações entre marido e mulher.

Tendo como pano de fundo a estrutura formal – que, de resto, reproduz a organização piramidal e autoritária da família antiga, – destaca-se nitidamente a novidade da exortação cristã nas

³⁹ Conforme o código doméstico de Colossenses 3, 18. Keener chama essa passagem de códigos domésticos, considerando que a mesma estabelece como devem ocorrer as relações na família, especialmente entre esposo e esposa. No tempo de Paulo, muitos romanos estavam atribulados devido à propagação das religiões do Oriente (por exemplo, o culto de Ísis, o judaísmo e o cristianismo), que eles temiam viesse a minar os valores tradicionais da família romana. Os membros dessas minorias religiosas procuravam sempre demonstrar seu apoio àqueles valores, empregando uma forma-padrão de exortações desenvolvidas por filósofos de Aristóteles em diante. Essas exortações como o cabeça da família deveria lidar com os seus membros, geralmente acabavam em discussões no relacionamento entre marido e esposa, pai e filho e mestre e escravo. Paulo imita essa forma de discussão diretamente da maioria dos escritos morais padronizados greco-romanos. Mas, diferentemente da maioria dos escritores antigos, Paulo mina a premissa básica desses códigos: a autoridade absoluta do cabeça masculino da casa. Cf. *idem*.

⁴⁰ Cf. R. PENNA. *Il misterion paolino*. Bologna: Dehoniane, 1978, p. 76.

⁴¹ BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém, p. 2203.

motivações. Essas ocupam um espaço tão amplo na primeira série de apelos dirigidos ao casal que se chega a pensar num discurso espiritual teológico sobre a relação Cristo-Igreja. O desenvolvimento do pensamento segue um ritmo peculiar, que passa continuamente da realidade humana do casal para o modelo ideal da união Cristo-Igreja⁴².

Paulo escreve esta epístola considerando fundamentalmente dois pólos que conduzirão sua reflexão e admoestação: Jesus Cristo e a Igreja. Todavia, não lhe escapa a lembrança de que a salvação realizada através de Cristo e da Igreja é de iniciativa do Pai.

Os dois pólos em torno dos quais se desenvolvem a reflexão e a exortação de *Ef* são: Jesus, o Cristo, e a Igreja. A reflexão cristológica desenvolve-se em função da nova consciência de Igreja. Essa polaridade e reciprocidade são muito bem expressas pela imagem simétrica do “Cristo-cabeça” e “Igreja-corpo”. Com isso não queremos dizer que a figura e o papel de Cristo não sejam tratados de maneira ampla e original [...] Em Jesus, o “filho amado de Deus” revela-se e realiza-se o “mistério”, ou seja, o projeto salvífico do qual Deus Pai é a iniciativa. Portanto, apesar da centralidade da figura de Cristo para definir a fé e a experiência salvífica cristã, o autor de *Ef* não perde de vista a dimensão teocêntrica de todo o processo de revelação e de salvação⁴³.

“Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (*Ef* 5, 25b). Nessas palavras está o eco dos profetas que, na Antiga Aliança, tinham usado a analogia para falar do amor sponsal de Deus pelo povo eleito, Israel; há, pelo menos implicitamente, a referência à aplicação que Jesus fizera de Si mesmo, apresentando-se como Esposo, como devia ter sido dito pelos Apóstolos às primeiras comunidades, nas quais nasceram os Evangelhos; há um aprofundamento da dimensão salvífica do amor de Cristo, que é ao mesmo tempo sponsal e redentivo: “Cristo entregou-Se pela Igreja” recorda o Apóstolo⁴⁴. O amor de Cristo pela Igreja, como modelo para o amor dos esposos, é único no Novo Testamento. Como esquema geral, o autor pode servir-se de Colossenses 1, 22 e Gálatas 2, 20 para delinear a idéia de Cristo que se entrega pelos demais; e,

⁴² R. FABRIS. *As cartas de Paulo III*, p. 192-193.

⁴³ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 142.

⁴⁴ Cf. JOÃO PAULO II. A Igreja descrita por São Paulo como Esposa. *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa, n. 51, 22 dez. 1991, p. 20.

conforme a segunda carta aos Coríntios 11, 2, para apresentar a imagem de Igreja como casta esposa de Cristo⁴⁵.

O amor de Cristo pela Igreja se manifesta e se realiza em sua autoadoação por ela. Amor e autoadoação de Cristo caracterizam o processo salvífico proclamado pela fé tradicional da Igreja (cf. 5, 2). O efeito histórico desse amor pela Igreja é expresso por duas proposições: para torná-la santa... fez aparecer diante de si uma Igreja plena de esplendor...⁴⁶.

A entrega de Cristo levou-o à morte na cruz. Em Paulo, a Igreja é apresentada como a esposa de Cristo. Cristo, por sua morte, elevou-a à dignidade de noiva e esposa (cf. *Ef* 5, 2; *Gl* 1, 4; 2, 20; *1Tm* 2, 6; *Tt* 2,14; *At* 12, 28). A doação de Jesus Cristo à sua esposa no sacrifício da cruz, na ressurreição e na vinda do Espírito Santo, não foi um ato acontecido uma única vez, um ato transitório. Tal doação jamais termina, visto que seu amor jamais se cansa. Ele vive sempre para sua esposa; Ele cuida carinhosamente dela como seu próprio “eu”; Ele a alimenta com a força de sua palavra. Mas, principalmente pela sua própria carne e sangue na Eucaristia. Dando-lhe seu corpo e seu sangue, torna-se realmente um corpo com ele. A união entre Cristo e a Igreja supera em muito a união conjugal em intimidade, força e duração. A união entre homem e mulher é uma imagem da união entre Cristo e a Igreja⁴⁷.

Lê-se: “... a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra...” (v. 26). Ora, esse texto torna-se fundamental para a compreensão do sacramento do batismo, onde somos purificados, santificados pela Palavra e nascemos para Cristo como um povo da Nova Aliança que se dá na Igreja, sua esposa.

A terminologia mostra influência do ambiente cultural e litúrgico, com reminiscência de antigas práticas ou ritos nupciais. Em todo o caso, essas imagens tornam-se símbolo de outra coisa, no contexto parabólico, que transfigura todos os detalhes a partir de uma visão religiosa. O banho de purificação é o batismo, mediante o qual a Igreja foi não só lavada e purificada, mas também santificada, ou seja, eleita e consagrada e, portanto, escolhida como parceira da aliança com o Cristo Senhor⁴⁸.

⁴⁵ Cf. R. BROWN *et alii*. *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madrid: Cristiandad, 1971, Tomo IV, p. 242.

⁴⁶ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 196.

⁴⁷ Cf. M. SCHMAUS. *A fé da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1983, vol. IV, p. 62-63.

⁴⁸ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 196.

Romano Penna afirma que o sacrifício de Cristo é a fonte da existência da Igreja que nasce santa pelo amor puríssimo d'Ele. A modalidade com que Cristo santifica e purifica a Igreja está contida nesse versículo. O batismo é visto como um prolongamento e uma atualização da morte de Cristo na cruz e dela brota a eficácia salvífica (cf. *Rm* 6, 3ss). Cristo ama tanto a Igreja que é capaz de entregar-se por ela em sacrifício. A palavra usada exprime e provoca a união de Cristo e a Igreja, e essa, em resposta a esse amor, proclama a pertença a Ele, formando em seu interior uma nova identidade como comunidade de salvação⁴⁹.

“... para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (v. 27). Esta apresentação da esposa evidencia a eficácia do amor redentor de Cristo pela Igreja.

A imagem ideal da noiva-esposa sugere a linguagem simbólica: a Igreja é uma esposa maravilhosa, cheia de brilho, sem mancha, como a noiva de *Ct* 4, 7, uma jovem, portanto sem rugas nem defeitos. Sem metáfora, isso significa a total consagração da comunidade dos salvos, num relacionamento de aliança⁵⁰.

Segundo Paulo, o relacionamento entre homem e mulher, como se descreve em Gênesis, é um esboço prévio do relacionamento entre Cristo e a Igreja⁵¹. Ele ampliou a imagem do Antigo Testamento do Deus-Esposo, aplicando-a a Jesus Cristo⁵². “O projeto do amor sponsal que remonta à primeira criação é uma parábola da aliança salvífica manifestada agora na nova criação”⁵³.

4 Coordenadas para a sponsalidade Cristo-Igreja a partir do Novo Testamento

Acentuar o aspecto afetivo das relações entre Cristo e sua Igreja é uma vantagem do simbolismo nupcial. Distinta do Esposo, a Igreja não está, todavia, separada dele. Ao contrário, está toda orientada para ele, e nele se compraz. Um vínculo indissolúvel vem uni-los. Como os

⁴⁹ R. PENNA, *op. cit.*, p. 237.

⁵⁰ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 197.

⁵¹ Cf. DH 901.

⁵² Cf. M. SCHMAUS, *op. cit.*, p. 62.

⁵³ R. FABRIS, *op. cit.*, p. 198.

esposos terrestres formam uma só carne, assim Cristo e a sua Igreja formam um só espírito, pelo laço de um amor sempre jovem e beatificante.

Em relação ao mistério esponsal de Cristo com a Igreja, pode-se afirmar que o mistério divino, em seu conteúdo cristológico, é o plano redentor de Deus que se realiza concretamente em Jesus Cristo. E esse plano de redenção consiste em que o Pai, movido por seu infinito amor, imolou seu Filho para que este pudesse conduzir ao Pai a humanidade redimida.

Cristo criou para si a Esposa e, ao mesmo tempo, desposou-a, quando lhe comunicou sua vida, a vida nova de Deus, que brotou de sua morte. Assim, o Esposo celestial ofereceu à sua Igreja o Espírito Santo.

O fato de Jesus identificar-se como Esposo sublinha no seu amor o aspecto de doação e de íntima compenetração que tende a fazer de dois uma só coisa. Por outro lado, reconhecer a Igreja como Esposa é vê-la primariamente como aquele “tu” que se encontra diante do Cristo-Esposo, num mistério de distinção e de unidade com Ele.

Na Encarnação, Cristo reúne em sua própria carne o divino e humano. Esta união é complementada através da doação de sua própria vida pela salvação de sua esposa, a Igreja. Porém, a paixão e a morte do esposo são coroadas por sua ressurreição. Assim, a morte de Cristo não é algo sem sentido, mas é redentora para a sua esposa. É uma morte fecunda, que gera muitos filhos para sua amada esposa, a Igreja.

O mistério pascal de Cristo pode, então, ser considerado como as núpcias de Cristo com a Igreja. Encontram o seu ápice nos mistérios pascais da paixão, morte, ressurreição e glorificação do Senhor. Isto porque, pela sua Paixão, Cristo crucificado foi exaltado, recebendo, em sua humanidade, a plenitude do Espírito, que o converteu em Senhor da nova Criação redimida.

Ser “esposa de Cristo” é essencial à identidade da Igreja. Ela não é nada sem o Cristo, que não cessa de amá-la e de purificá-la cada dia com seu sangue, pois ela não está a salvo das infidelidades de que fala o Antigo Testamento. Mas, ela está certa do amor de seu esposo. Ser “esposa de Cristo” fala-nos não somente da intimidade única que existe entre o Cristo e a Igreja, mas os esponsais divinos implicam também, e inseparavelmente, nossa incorporação a Cristo pelo batismo. Se a Igreja é purificada, cada um de nós o é também. Deus não tem outro objetivo senão a comunhão de vida conosco.